



A operação de determinação nominal: o artigo indefinido e o pronome indefinido no processo de construção referencial

L'opération de détermination nominale: l'article indéfini et le pronom indéfini dans le processus de construction référentielle

Leonildes Pessoa Facundes¹
Universidade Estadual do Maranhão

♦ **RESUMO:** O artigo é um estudo sobre a operação de determinação nominal vista sob a perspectiva da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Tal perspectiva, por um lado, confronta-se com abordagens gramaticais predominantes no ensino que atribuem à *noção* de indefinição a classes de palavras, tais como o artigo indefinido e os pronomes indefinidos. Por outro lado, a TOPE ressalta a articulação *léxico-gramatical*, o que significa que os tradicionais campos linguísticos fono-morfo-sintático-semântico-enunciativo são reconhecidos em articulação. Dessa forma, questionamos a *noção de indefinição* aplicada às classes do artigo e dos pronomes indefinidos, pois o seu papel referencial é o mesmo dos artigos morfológicos, ou seja, são marcadores da mesma natureza na fronteira entre *definição/indefinição*. Concluímos que são movimentos léxico-gramaticais que estão em todas as classes gramaticais, na verdade são *noções de indefinições* geradas no texto.

♦ **PALAVRAS-CHAVE:** Indefinição; Definição; Operações enunciativas e predicativas.

♦ **ABSTRACT:** L'article est une étude sur le fonctionnement de la détermination nominale, vu du point de vue de la Théorie des Opérations Prédictives et Énonciatives (TOPE). Cette perspective, d'une part, est confrontée aux approches grammaticales prédominantes dans l'enseignement qui attribuent la notion d'indéfini à des classes de mots, comme l'article indéfini et les pronoms indéfinis. D'autre part, TOPE met l'accent sur l'articulation lexico-grammaticale, ce qui signifie que les champs linguistiques phono-morph-syntaxiques-sémantiques-énonciatifs traditionnels sont reconnus dans l'articulation. Ainsi, nous questionnons la notion d'indéfini appliquée aux classes d'articles et aux pronoms indéfinis, puisque leur rôle référentiel est le même que celui des articles morphologiques, c'est-à-dire qu'ils sont des marqueurs de même nature à la frontière définition/indefini. Nous concluons qu'il s'agit de mouvements lexico-grammaticaux qui se retrouvent dans toutes les classes grammaticales, en fait ce sont des notions d'indétermination générées dans le texte.

♦ **KEYWORDS:** Non défini. Définition; Opérations énonciatives et prédictives.

Introdução

Este artigo visa a apresentar parte de uma problemática que foi o objeto da nossa Tese, a “Noção de indefinição”, para tanto, fizemos uma pesquisa de como as abordagens linguísticas apresentam tal noção. Definição e indefinição são classificadas como termos acessórios, mas em nossas pesquisas, observamos, no entanto, que são mecanismos presentes de grande importância em determinados cotextos e contextos e

¹ Professora Adjunta na Universidade Estadual do Maranhão/UEMA. Doutora em Linguística-PPGL/UFSCar. E-mail: leonildespessoa@gmail.com

que sua ausência compromete a construção do sentido dos textos. São pontos relevantes para se analisar e, para isso, nossa reflexão tenta responder a esses questionamentos segundo os fundamentos teóricos da Teoria das Operações Enunciativas e Predicativas de Antonie Culioli (FACUNDES, 2021).

Neste sentido, propomos uma reflexão/análise da determinação nominal do artigo indefinido e dos pronomes indefinidos a partir de uma concepção de linguagem como atividade que permite a construção de representação, de referenciação e de regulação.

Algumas reflexões são permeadas de interesses nesta pesquisa para análises dos determinantes que marcam indefinição, tais como: A noção apresentada pela TOPE pode ser comparada a uma unidade lexical? A intersubjetividade é um processo de que tipo de atividade (cognitiva, linguística, epilinguística, metalinguística)? É válido destacar que, segundo Lima (1997, p.30), “Assim como outros determinantes, o artigo ao anteceder o nome no enunciado representa a marca de operações que dão à noção, para a qual remete esse nome, graus de especificidade qualitativa e quantitativa”.

A apresentação deste artigo se divide em duas etapas. Na primeira, uma reflexão das categorias nominais que operam no modelo culioliano, com exemplos que resultam dessas marcas morfológicas que se articulam como determinação na construção dos valores referenciais nos enunciados, lugar do acontecimento linguístico. Na segunda parte, apresentaremos as análises da construção da noção de indefinição no desenvolvimento de atividades de linguagem aplicadas ao ensino.

1. Os modos de construção dos valores referenciais

Na TOPE, tudo parte da “noção” que é o conjunto de propriedades físico-culturais que entendemos por meio de nossa atividade enunciativa de produção e compreensão de enunciados.

As relações entre o intersubjetivo e o transindividual propõem conceitualizar a complexidade que sustenta a produção e o reconhecimento das formas, processo sempre permeado por ajustamentos e regulações que instauram relações de alteridade, longe de serem simples.

As formas invariantes e as formas deformáveis são próprias à natureza da linguagem, o ajustamento dessas formas dar-se-á pela capacidade de ajustamento entre os sujeitos, ou seja, há um jogo intersubjetivo. Ao falar de sujeito, aborda-se a relação entre o nível II, próprio a uma língua, e o nível I, específico à atividade de linguagem.

No modelo teórico de Culioli, as categorias nominais são recategorizadas² em três grupos: *discreto*, *denso* e *compacto*;³ sua distribuição está dentro do domínio nocional em que as ocorrências de noção se distribuem. Por sua vez, há a inter-relação dos nomes com outras categorias gramaticais de número, de tempo e de aspecto.

Segundo Culioli (1999b, p. 14), o conceito de QNT tem afinidades com *o tipo*, e o de QLT, com *o atrator*. A construção de ocorrências passa por um esquema de individuação que põe em jogo ponderações variáveis sobre QNT e QLT. Afirma o autor: “no caso do *discreto*, o QNT (quantificação) é preponderante e o tipo é

² Franckel e Paillard não aceitam que haja uma “recategorização” de nominais, mas configurações de ocorrências – tipo, isto é, denso, discreto e compacto não se referem a classes de unidades, mas sim a configurações de base de duas formas de delimitação de Qnt e Qlt de uma ocorrência de determinações interna e externa (CORREIA, 2002, p. 91).

³ Os modos de construção do valor referencial DISCRETA (QNT e QLT), DENSA (QNT) e COMPACTA (QLT) são aprofundados em pesquisas por De Vogüé (1989) e na Tese de Romero-Lopes (2000, p. 74-100), em que passou a preferir o uso apenas das expressões QNT-QLT, QNT e QLT, para assinalar que se trata de diferentes articulações das quais se originam as ocorrências nocionais.

privilegiado em relação ao *atrator*”. Trata-se de um modo de construção de uma ocorrência tal que a delimitação de uma porção de espaço-tempo será privilegiada. A estabilidade da ocorrência se fundamenta sobre a relação com o *tipo*. “No *compacto*, o tipo não desempenha mais o papel preponderante, o fundamental é a construção de *um gradiente*”. Tem-se o homogêneo. A estabilidade vem do *atrator* e a única singularização possível é de ordem qualitativa (QLT). “O *denso* corresponde a um caso intermediário e instável. Nem QNT (quantificação) nem QLT (qualificação) são preponderantes”, conforme Culioli (1999b, p. 14).

<u>QNT</u> QLT	QLT	QNT QLT
<i>Discreto</i>	<i>compacto</i>	<i>denso</i>

Culioli (1999b, p. 9), no capítulo “Estruturação de uma noção e tipologia lexical, sobre a distinção de denso, de discreto e de compacto” afirma que “um enunciado é um evento que, do traço que o materializa, ajusta as representações de um locutor às de um interlocutor”. Nesse sentido, a noção como representação mental, intangível ao passar por uma atividade que possibilita a referência, corresponde a uma <formação> da noção (nível metalinguístico) - o QNT. O autor ainda apresenta as várias maneiras da operação que marca o QNT. Ela é baseada em uma operação de construção ligada à predicação de existência e pode surgir a passagem de nada para alguma coisa. Não há grau de existência. Ex.: quase morto *quase vivo; a forma de extração, como no exemplo, os fantasmas existem.

O QNT corresponde à construção de uma ocorrência abstrata (portanto, por extensão). A ocorrência é um evento enunciativo que delimita uma parte do espaço/tempo específico pela propriedade P. Ele também corresponde a um modo de apreensão de QLT através ou sob o modo de um agregado de ocorrências de P. Assim, estabelece uma relação de movimento entre o QLT (O primeiro QLT é <infranlinguístico> e tem um status diferente daquele que aparece no QNT QLT, no qual em QNT QLT se observa um modo de apreensão QLT).

Nesse mesmo capítulo, o autor estabelece a relação do QNT e QLT com o tipo e o atrator do domínio nocional. O tipo – a construção de uma classe de ocorrências implica que se possa dizer se são ou não ocorrências da mesma propriedade, baseada em uma operação dupla de identificação/diferenciação que permite organizar a fragmentação da noção, construindo uma ocorrência distinta e privilegiada e uma ocorrência representativa que possui duas propriedades:

- a) É definível, ou seja, exibível enunciativamente;
- b) está em conformidade com uma representação. Estamos lidando com um processo: Prefere-se a *ser P*, ou seja, à QLT: a partir de uma experiência de mundo, isolamos suas propriedades que são fundidas em um representante exemplar.

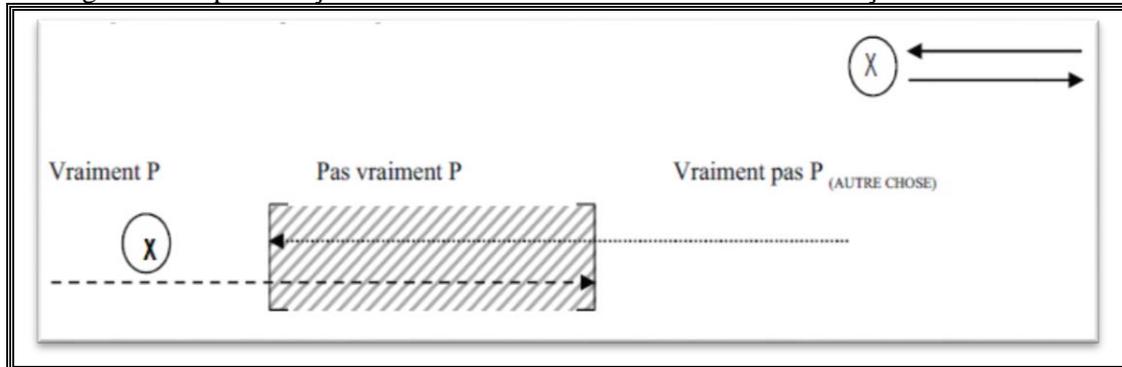
1.1 O nome discreto

No caso de discreto, o QNT é preponderante e o *tipo* é privilegiado em relação ao *atrator*. Trata-se um modo de construção de uma ocorrência, de modo que a

delimitação de uma parte do tempo e do espaço é preferida. A estabilidade da ocorrência é baseada no relacionamento com o *tipo* (CULIOLI, 1999b, p. 14).⁴

Na representação, por exemplo, do domínio nocional das ocorrências da noção <vestido> no *Interior*, há um centro que define verdadeiramente o vestido; no *Exterior*, o que não é vestido (Figura 1).

Figura 1 - Representação do domínio nocional das ocorrências da noção <vestido>



Fonte: Culioli (1983, p. 35).

De acordo com a Figura 1, apresentada por Culioli, podemos esquematizar com a noção de <casa>. Vejamos a Figura 2 a seguir:

Figura 2 - Representação do domínio da noção <casa>

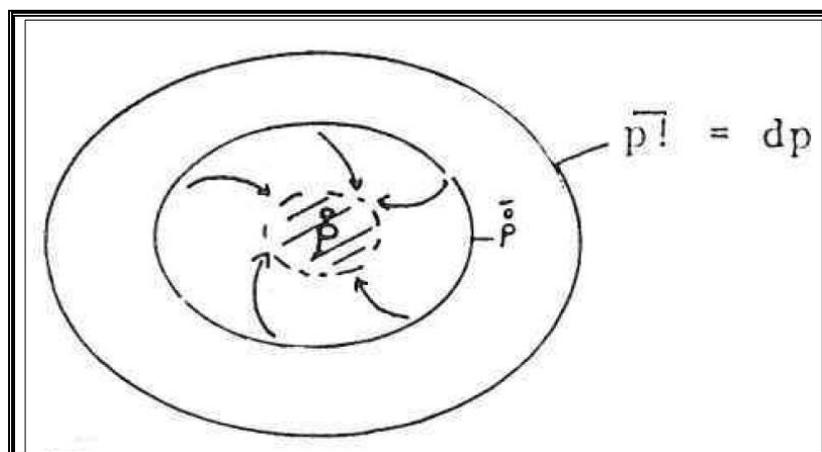


Fonte: De acordo com Culioli (1983, p. 35).

De Vogüé (1989, p. 20) também apresentou um esquema para explicar a representação dos nomes discretos (Figura 2), definindo o centro organizador do domínio (sombreado) que identifica em relação a um tipo, esse centro funciona como atrator de todas as ocorrências validadas no Interior, na Fronteira ou no Exterior do domínio nocional.

⁴ Dans le cas du **discret**, QNT est prépondérant et le type est privilégié par rapport à l'attracteur. Il s'agit d'un mode de construction d'une occurrence tel que la délimitation d'une portion d'espace-temps soit privilégiée. La stabilité de l'occurrence se fonde sur la relation au type (CULIOLI, 1999b, p. 14).

Figura 3 - Esquema para explicar a representação dos nomes discretos



Fonte: De Vogüé (1989, p. 20).

Correia (2002) nos apresenta em seu trabalho “Estudo de determinação: a operação de quantificação e qualificação em sintagmas nominais”, que qualquer determinante é permitido com nominais **discretos**. Os valores referenciais dos determinantes são diferentes: *Determinante definido* - a existência de uma operação de identificação QLT que relaciona essa ocorrência com um pré-construído (pode ser representado por uma oração relativa).

“Vi **o castor** de que me falaste no Jardim”
Falaste-me de **um castor (operação de extração)**

Quando os “falsos discretizadores” não existem, o artigo definido é o determinante preferencial dos nominais compactos.

“A Ana tem **muita paciência**”.

Na construção do enunciado, admite-se o determinante indefinido “um”, mas não o seu plural. Cria-se uma falsa enumeração. “Um” como determinante de um compacto não corresponde a uma enumeração, mas ao “ALTO GRAU” em que a ocorrência é localizada em relação à própria noção, coincidindo totalmente com ela.

“**Uma paciência** como esta, só de um santo!”

1.2 O nome compacto

No caso do **compacto**, o tipo não desempenha papel mais importante do que a construção de *um gradiente*, que é fundamental. Estamos lidando com o homogêneo. A estabilidade vem do *atrator*. A única singularização possível é *qualitativa*. Não há ocorrência, no sentido de que não há fragmentação de uma porção do espaço-tempo, mas podemos, sem contradição, falar em ocorrência, porque o compacto, referindo-se

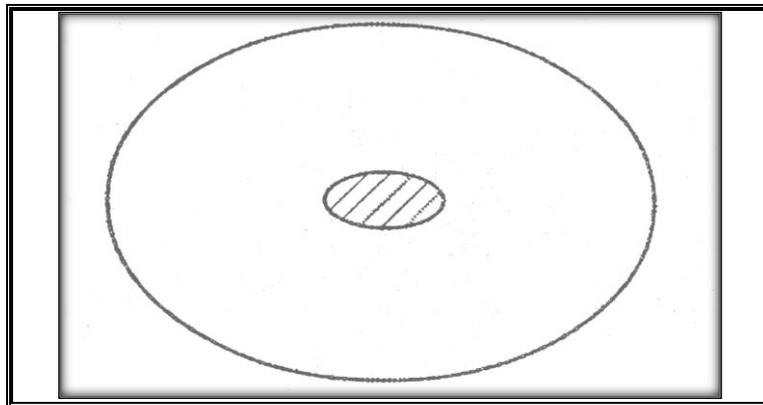
ao homogêneo, leva ao desencadeamento da fragmentação na comitiva, com restrições específicas (CULIOLI, 1999b, p. 14).⁵

la fragmentation sur l'entourage, avec des contraintes spécifiques.

Os nomes compactos não admitem qualquer tipo de formatação, definindo-se como uma zona fechada. Segundo Correia (2002, p. 97), “os nomes como *felicidade, alegria, ódio, nojo*, entre outros, necessitam, para serem discretizados, de um gradiente que funciona como um ‘falso discretizador’”. Seja o exemplo: “A *felicidade* dela não tinha limites”.

A Figura 4 demonstra a representação dos nomes *compactos* no domínio nocional, que se identifica com o centro *atrator*, justificando-se, assim, o seu caráter intrinsecamente qualitativo das ocorrências.

Figura 4 - Representação dos nomes *compactos* no domínio nocional



Fonte: De Vogüé (1989, p. 21).

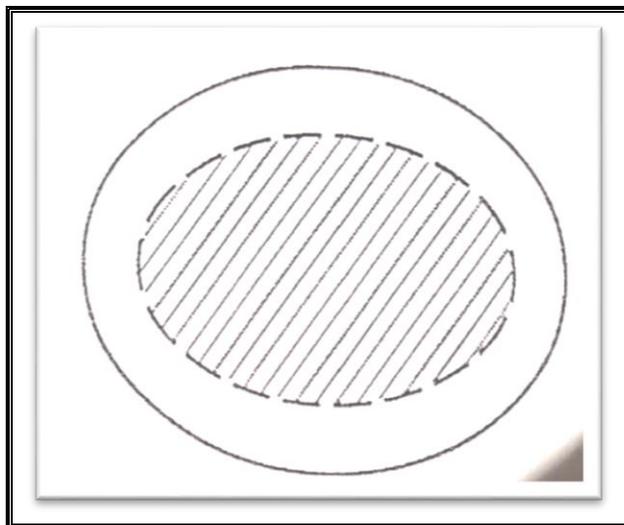
1.3. O nome denso

O denso corresponde a um caso misto, intermediário e instável. Nem QNT nem QLT são preponderantes. Não existe forma tipo que se estabilize. Nesse caso, QNT corresponde a formas recorrentes. A operação de recorrência é realizada por uma quantidade não definível, independente desta operação.⁶ Ele não tem um formato intrínseco que lhe permita uma estabilização, sendo um nominal instável e recorre a um suporte para que seja possível sua enumeração. Vejamos, na Figura 16, como se apresentam os nomes compactos por De Vogüé (1989):

⁵Dans le cas du **compact**, le type ne joue pas de rôle prépondérant c'est la construction d'un gradient qui est fondamental. On a affaire à de l'homogène. La stabilité provient de l'attracteur. La seule singularisation possible est d'ordre qualitatif. Il n'y a pas occurrence, au sens où il n'y a pas fragmentation d'une portion d'une portion d'espace-temps, mais l'on peut sans contradiction parler d'occurrence, car le compact, en renvoyant à l'homogène reporte le déclenchement de la fragmentation sur l'entourage, avec des contraintes spécifiques (CULIOLI, 1999b, p. 14).

⁶ Le **dense** correspond à un mixte, un cas intermédiaire et instable. Ni QNT, ni QLT ne sont prépondérants. Il n'y a pas de forme type qui stabilise. Dans ce cas, QNT correspond à des formes de prélèvement. L'opération de prélèvement s'effectue par une quantité non définissable indépendamment de cette opération (CULIOLI, 1999b, p. 14).

Figura 5 - Nomes compactos, por De Vogüé (1989)



Fonte: De Vogüé (1989, p. 20).

Verifiquemos com a indiferença de predominância de QNT com nomes discretos, com os nomes densos, a indiferença de predominância dos operadores QNT e QLT e com os nomes compactos, isso ocorre quando a ocorrência da noção é exclusiva QLT. Discreto é contável; suas propriedades são inerentes. Ex.: cão; Denso é não contável (água) – marcador extrínseco (está fora), como em 1 copo de água – contável (porção, uma garrafa) e Compacto – ele não está no contável ou no incontável – Eu tenho uma noção (suporte) – se dá uma propriedade. Ex.: Maria é bonita (qualifico Maria e não estou falando de Maria) (contável ou incontável). Há um conjunto de marcas que vão identificar os textos: Narração: discreto/compacto; descrição: compacto; dissertação: não se fecha, muito provável (mais denso).

Quadro 1 - Categorias para quantificação e qualificação

Discreto	quantificação (+)	mas há quantificação
Denso	qualificação (+)	mas há qualificação
Compacto	nem qualificação	nem quantificação, tem as duas coisas. Ex: Maria é bonita.

Fonte: Elaborado pela autora.

Observamos, conforme o exposto acima, que no discreto: QNT tem afinidade com o tipo. Trata-se de uma maneira de construir uma ocorrência de forma que delimite uma parte do espaço-tempo. Ex.: Aqui está um. No compacto: é fundamental a construção de um gradiente, a estabilidade vem do atrator, a única singularização possível é de ordem do QLT. Não há fragmentação de uma porção do espaço-tempo. Ex.: Eu experimentei uma impressão de calma. Ele tem a paciência de um anjo. No denso: nem QNT e nem QLT são dominantes. Não há forma padrão que se estabilize. Ex.: Bebi leite. Aprendemos de tudo aqui apresentado pela operação de determinação QNT e QLT, não podemos considerar a tripartição das classes nominais como uma

maneira fixa de uma estrutura pré-estabelecida que não pode sofrer transformações; as unidades linguísticas dependem do seu funcionamento nos enunciados.

Dá a importância da TOPE em designar o seu objeto de estudo, o enunciado, e tomando o cuidado de olhar para as noções como uma propriedade essencial da atividade simbólica, na qual o trabalho de ajuste intersubjetivo supõe estabilidade e deformabilidade. O que destacamos, de acordo com nossos objetivos, é que os determinantes também são permitidos com nominais densos. Só a formatação extrínseca (temporal e espacialmente pertinente) poderá delimitar a ocorrência, atribuindo-lhe uma qualidade quantificável por meio de um *discretizador*: “**Um quilo** de arroz”, “**Um copo** de água” e “**Uma fatia** de bolo”.

A atribuição de um valor referencial ao enunciado se dá no processo de produção e reconhecimento de formas, o que implica a atividade de linguagem em si, isto é, a análise dos textos próprios a cada língua de acordo com as configurações específicas. Um princípio geral de variação relacionada à questão da referência é o modo pelo qual se articulam QNT e QLT e que envolve operações de determinação das quais sua distribuição ocorre dentro de um domínio nocional. Sobre a tripartição das classes nominais, verifica-se existir predominância de quantificação QNT com nomes discretos, indiferença de predominância dos operadores de QNT e QLT com nomes densos. Quando a ocorrência é exclusivamente QLT, são os nomes compactos.

Romero (2000) apresenta alguns exemplos. Destacamos alguns para demonstrar como há um jogo de determinação QNT e QLT nos enunciados:

a) Acheque-se, meu **chocolate** (configuração QLT, instanciação QLT) *compacto*;

b) Um **chocolate**, por favor (configuração QNT, instanciação QNT) discreto; c) Odeio **chocolate** (configuração QLT, instanciação QNT) DENSO. Em “a)” atribui-se uma qualidade a um suporte que não possui nenhuma autonomia face a tal qualidade; b) tem-se um indivíduo (uma barra); c) não se tem mais um formato determinando um conjunto de qualidade. Romero demonstrou também as unidades linguísticas do campo verbal, considerando a sequência “Ele bebeu”, com destaque a verbalização: a) Que **ele já bebeu** muito quando era jovem, quem vai negar? Mas, te juro, hoje ele não bebe mais. COMPACTO= QLT “Ele é o suporte da propriedade”; <SER BEBUM> QLT; b) Pronto, **ele bebeu**. DISCRETO QNT; O que se tinha para beber foi bebido <BEBÍVEL>; c) Ontem **ele bebeu**, dançou, enfim, se divertiu como nunca. DENSO = QLT e QNT; o que importa aqui é que durante um determinado tempo, no tempo definido por ontem, ele realmente bebeu. No compacto, não se trata de localizar a noção, pois não há indivíduo: ao suporte é atribuída um QLT; no denso, as QLT da noção são verificadas por meio de um indivíduo, que apresenta todas QLT da noção instanciada, agindo como mero localizador; no discreto, um indivíduo localiza a noção, valida o formato.

Em nossa pesquisa de doutorado, analisamos a determinação QNT e QLT da noção de *definição-indefinição* das classes “artigo definido e indefinido e dos pronomes indefinidos”, em contos fantásticos. Para Culioli (1990), a linguística não tem uma precisão no que se refere a uma definição de determinação, em razão da inexistência de uma explicitação satisfatória das operações que regem essa categoria.

2 Análise da noção da *definição/indefinição* na atividade de ensino léxico-gramatical

Para analisar essas classes em enunciação e, assim compor nosso *Corpus*, consideramos ocorrências desses marcadores, artigos indefinidos e pronomes indefinidos, no conto fantástico “O Espelho”, de Machado de Assis (2002). Procuramos, desse modo, analisar tais ocorrências em enunciação articulando a gramática ao texto. A seleção do gênero conto fantástico justifica-se à medida que ele se apresenta como conteúdo de ensino do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II, nosso referencial de observação, sob a ótica proposta pela TOPE. Os valores referenciais dessas marcas de (in)definição são operações dos papéis enunciativos e discursivos nas construções de textos.

Descreveremos, a seguir, o conto fantástico “O Espelho”, de Machado de Assis, mediante a seleção de enunciados com predominância da classe pronome indefinidos.

—Ouçam-me. **Na manhã seguinte <achei-me só>**. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. <**Achei-me só, sem mais ninguém**>, entre quatro paredes, **diante do terreiro deserto e da roça abandonada (espaço grande)**. <**Nenhum fôlego humano**>. Corri a casa toda, a senzala, **tudo, nada, ninguém, um molequinho que fosse**. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. <**Nenhum ente humano**>. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. <**Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas**>. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa.

(1) <Achei-me só, sem mais ninguém> (M.A)

Em, **ninguém**, estão estabelecidas as seguintes relações:

1. Relação primitiva

(X) ser ninguém < (ninguém) sem mais /só/ solidão/ muito só/

2. Relação predicativa

Achei-me <só>

3. Relação Enunciativa

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ = S₀ entre quatro paredes; T₀ (), E₀ ≠ E₁

Modalização: asserção, possibilidade, dúvida e incerteza;

Dadas as relações (1), (2) e (3), <Achei-me só, sem mais ninguém>. Há na relação entre as operações dadas a relação enunciativa QNT e QLT. <**Achei-me só**> sem mais ninguém < Entre o conjunto de pessoas, não há mais ninguém < **Varredura** < +Quali, -Qnt < definido como Qualitativo, indefinido como Qnt < **tudo, nada, ninguém**> operam como varredura e um molequinho que fosse < **Flechagem** <

+Quali, +Qnt, definido como Quali, definido como Qnt; Modal: assertiva; Tempo e Espaço (pretérito- entre quatro paredes)

(2) *Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. (M.A.)*

1. *Relação Primitiva* – noções semânticas em relação, relações parafrásticas. Em, *Não senti nada*, estão estabelecidas as seguintes relações:

(X) sentir nada < (nada) ser não medo/não solidão/ não morte/ não tristeza

2. *Relação Predicativa* – ordenação entre os termos/ tema

<nada> ser <medo>; <nada senti>;

3. *Relação Enunciativa* – marcas enunciativas de determinação QNT e QLT, modalização, Tempo – (T) e Espaço – (E).

Sit 0 (S₀ Eu; T₀ Agora; E₀ Aqui digo que <

Sit 1 (S₁ = S₀ sentir nada T₀ (), E₀ () modalização assertiva

Dadas as relações em (1), (2) e (3), em que se tem <nada> ser <não medo> <Achei-me tão só que esse sentir era pior> do que morrer, com valor referencial de definição quanto às marcas de Qualificação/Quantificação, e de indefinição quanto às marcas de Modalização, T e E, uma vez que se instauram as marcas Modais, <Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido?> asserção interrogativa, de T e de E, como 0. Esse sentir era pior do que morrer < não por medo> < porque eu era atrevido> < o ser atrevido faz que não SENTIR NADA> <Esse sentir < é um sentir que não é < SENTIR MEDO> <NADA>.

As análises da abordagem da TOPE formam um quadro teórico (ver Quadro 2) que tentamos apresentar de forma sintética.

Quadro 2 – Sequências de relações observadas

SEQUÊNCIAS DE RELAÇÕES OBSERVADAS
<i>SEMÂNTICA PELA RELAÇÃO PRIMITIVA</i>
<i>ORDENAÇÃO DO TEXTO PELA RELAÇÃO PREDICATIVA</i>
<i>MARCAS ENUNCIATIVAS PELA RELAÇÃO ENUNCIATIVA</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro das relações observadas, realizou-se uma análise em três passos em relação ao valor do marcador e que assumem valores enunciativos por meio desses três passos: primitivo, predicativo e enunciativo, responsáveis, respectivamente, pelas relações semânticas, ordenação sintática e mecanismos enunciativos que nos mostrou operações que o texto demonstra. O conto é construído com a marca de indefinição por meio das operações de possibilidade diversas, de correspondências parafrásticas, por exemplo: “uma”, “certa” “alguma” “uma qualquer”. No jogo parafrástico, as ocorrências semânticas devem ser preenchidas por meio de manipulações que denotam o mesmo sentido das noções.

Na relação de ordenação entre os termos que são sintáticos, o movimento (X ser) X deve ser preenchido pela noção. Na relação enunciativa, temos as marcas enunciativas de modalização, de tempo e de espaço. Dependendo de como essas marcas se organizaram, entra a determinação QNT e QLT. Nesta relação, observam-se as situações enunciativas (eu aqui agora digo) em que se instauram os enunciadores. As análises realizadas nos Sits de possibilidade em que podem ou não estar marcadas, as faltas dessas marcas dadas pelas relações primitiva, predicativa e enunciativa, apresentam diversidades de noções de valores referenciais da indefinição, uma vez que se instauram as marcas modais de tempo, de espaço e de determinação.

A Gramática Tradicional identifica as marcas de *indefinição* de artigo e pronomes indefinidos, mas, sob o olhar da TOPE, chamar *as marcas de artigo, pronome ou adjunto adnominal* tanto faz, porque a indefinição opera nas duas classes. Então, tem-se o mesmo papel conforme as análises de *adjetivo*, de *adjunto* e de *indefinição* na estabilização do mesmo valor referencial de uma mesma noção em relação ao processo parafrástico (nível metalinguístico). Culioli (1990) sugere o espelhamento dentre as relações, pois como analistas trabalhamos com paráfrase, mas, como sujeito, operamos com glosas (inconscientemente), esses movimentos que estão presentes nas três relações primitiva, predicativa e enunciativa. Neste sentido, para a TOPE as marcas de indefinição deixam de ser observadas separadamente, como demonstramos, diferentemente do que ocorre na abordagem Tradicional de classes morfológicas de artigo ou pronome indefinido.

Na abordagem da TOPE, temos as operações de determinação ou a indeterminação que ocorrem a QNT/QLT ou não QNT/QLT observadas pelas relações parafrásticas, podendo em um enunciado ser marcado pela QLT e não ser discretizado pela QNT. Observamos ainda que as marcas de indefinição também não estão marcadas em um tempo e em um espaço, pois não temos marcas de onde e de quando, porque está indefinida na relação enunciativa. A questão (X ser) pode ser determinada ou indeterminada pela QNT e/ou QLT.

Contudo, há muitos estudos, pesquisas e análises a serem feitas, pois segundo a TOPE, a atividade de linguagem é rica em detalhes, principalmente pelo aspecto físico-cultural do sujeito enunciativo. Observamos que a definição e a indefinição é uma marca presente no conto fantástico, porém nos comprometemos a prosseguir com a pesquisa em relação a esse tema porque julgamos essencial para contribuir com as questões voltadas ao ensino.

Considerações finais

No processo de ensino aprendizagem, Onofre & Rezende (2009, p.07) ressaltam: “É interessante citar que a linguística tende em desenvolver os seus trabalhos sustentados pela tese da articulação entre a linguagem e as línguas naturais, em conformidade com Culioli”. Essa reflexão das autoras perpassa pela relação entre invariância (processos de linguagem) e a variância linguística (representação linguística).

Na nossa pesquisa, nota-se, em sentido amplo, que as questões léxico-gramaticais com a noção de *indefinição* são marcadores relevantes para o ensino de produção e de interpretação. E o gênero conto fantástico é um contexto favorável para as questões de indefinição para o ensino aprendizagem, subsídios para as atividades epilinguística, linguística e metalinguística.

REFERÊNCIAS

DE VOGÜÉ, Sarah. Discret, dense, compact: les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale. In: FRANCKEL, Jean-Jacques (ed.). **La notion de prédicat**. Paris: Université de Paris 7, p. 1-38, 1989. (Collection ERA - 642).

CORREIA, Clara Nunes. **Estudos de determinação**: a operação de quantificação-qualificação em sintagmas nominais. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990, Tome I.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b, Tome III.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Formalismo et opérations de repérage . Paris: Ophrys, 1999a, Tome II.

FACUNDES, Leonildes Pessoa. **Das categorizações aos valores referenciais**: a (in)definição linguística em construção. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR, São Carlos, 2021.

URI <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14722>

LIMA, Maria Auxiliadora Ferreira. **Artigo no processo de construção referencial**: as operações de determinação e indeterminação. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1997.

ONOFRE, Marília Blundi; REZENDE, Letícia Marcondes (Org.). **Linguagem e línguas naturais**: clivagem entre o enunciado e a enunciação. São Carlos: Pedro & João, 2009.

ROMERO-LOPES, Márcia Cristina. **Processos enunciativos de variação semântica e identidade lexical**: a polissemia redimensionada. Estudo dos verbos *jouer* e *changer*. 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Recebido em junho de 2022.
Aprovado em agosto de 2022.

Como citar este trabalho:

FACUNDES, L. P. A operação de determinação nominal: o artigo indefinido e o pronome indefinido no processo de construção referencial. **Traços de Linguagem**. v. 5, n. 2, p. 20-31, 2021.
